

Música

O ídolo enclausurado

Lucio Battisti, o cantor que arrebatou a Itália nos anos 1970 e, no auge, afastou-se dos palcos por mais de duas décadas

Por Daniel Lima | Imagens: Domínio público

Sucesso de vendas nos anos 1970, Battisti era tímido e optou pela reclusão em 1976, e assim permaneceu até sua morte



deles chegou ao topo da parada daquele país, a maioria permanecendo no rarefeito pico comercial por até 11 semanas. Bem-sucedido, querido e popular, em 1976 Battisti acenou um brusco adeus aos fãs e recolheu-se: em suas palavras, deixaria toda comunicação com o público a cargo de seus álbuns gravados em estúdio. Dali até sua morte em 9 de setembro de 1998, vítima de um câncer no fígado, desapareceria dos holofotes. O ídolo retirava-se de cena no auge, por vontade própria.

A reclusão voluntária não deve ter surpreendido a quem conhecia pessoalmente o tímido músico, que nasceu na pequena cidade de Poggio Bustone, na província de Rieti, ao norte de Roma, em 1943. Como um típico recluso, aprendeu a tocar guitarra sozinho. Ao entrar na casa dos 20 anos, e logo após a obtenção de um diploma de técnico em eletrônica, teve sua primeira experiência profissional na música tocando no grupo I Campioni, a convite de seu líder, Roby Matano - quem primeiro notou talento no jovem guitarrista. O conjunto fazia apoio ao então conhecido cantor Tony Dallara, cujo sucesso com "Come prima" quebrou recordes de vendagem de discos, na década de 1950, na Itália.

Depois de se mudar para Milão, foi descoberto por Christine Leroux, uma caçadora de talentos da gravadora Ricordi. Foi sob as asas de Leroux que o cantor assinou três grandes sucessos em 1966, emprestados para outras vozes, e foi apresentado ao famoso compositor Giulio Rapetti, conhecido como Mogol. Os dias de coadjuvante de Battisti encerrariam-se a partir desse imprevisível encontro. Foi Mogol quem convenceu a gravadora a permitir que Battisti cantasse as próprias composições, que ganharam qualidade com a ajuda de Mogol e com a persistência de Battisti - característica, aliás, que impressionou Mogol, acima de tudo. Battisti, no entanto, resistia à idéia de cantar por não ter confiança na própria voz. Anos mais tarde, seu estilo vocal seria popularmente descrito como o de "alguém que acabou de acordar e ainda não tomou café".

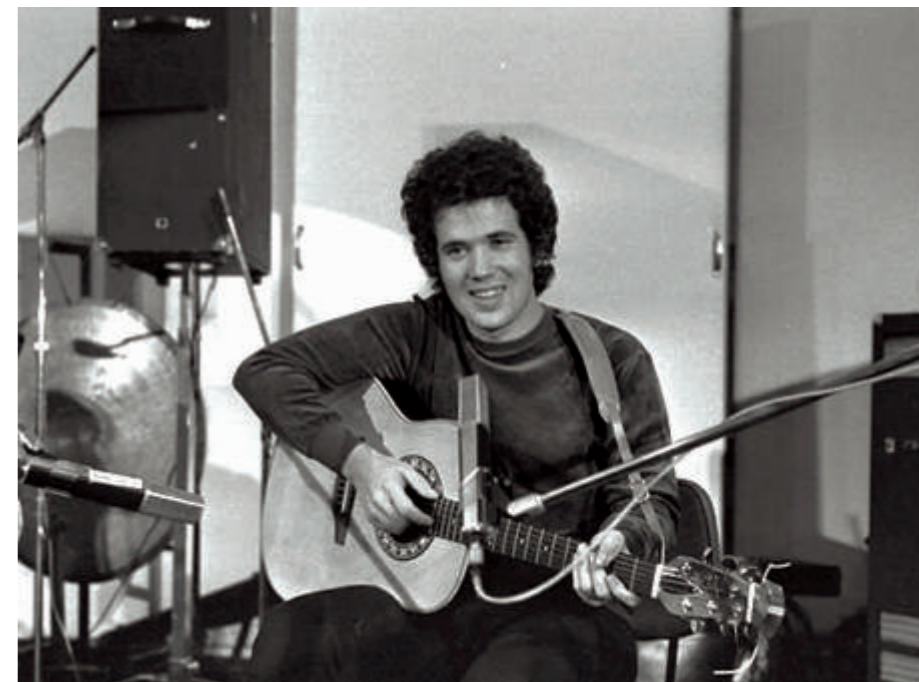
Seu primeiro compacto, com as faixas "Per una lira" e "Dolce di giorno", fez sucesso modesto, mas as canções seriam logo apropriadas por Demetrio Stratos e pelo grupo Dik Dik, mais populares na época. O compositor continuou a emprestar suas músicas por alguns meses antes de experimentar o sucesso por meio de uma gravação própria: "Balla Linda". A composição chegou ao quarto lugar das paradas italianas e, nos EUA, rebatizada de "Bella Linda", alcançou a 28ª posição do renomado ranking da revista *Billboard*.

Em 1969, participou do festival de Sanremo com a canção "Un'avventura" e, pouco depois, seu primeiro grande hit, "Acqua azzurra, acqua chiara", ajudou-o a vencer o Festivalbar, de Milão. No mesmo ano, lançou seu primeiro álbum, homônimo, chegando ao topo das paradas, e conheceu sua futura e única esposa, Grazia Letizia Veronese. Foi nesse intervalo de décadas que Battisti assentou com firmeza as bases de seu sucesso, que viria a se consolidar nos anos seguintes, quando se tornaria o maior cantor popular da Itália.

Como artista, ele era uma figura complexa. Num prenúncio de sua saída de cena, que só ocorreria anos mais tarde, o cantor evitava aparições diante de platéias numerosas, como shows e programas de televisão. Ao mesmo tempo, abraçava a estética hippie, com seu cabelo longo e encaracolado e as roupas coloridas. As canções, desde o início da carreira, e sob a influência fundamental de Mogol, traziam estruturas propositalmente diferentes do cancionário tradicional italiano, como rimas assimétricas ou versos brancos, além de misturar rock e *rhythm-and-blues* com arranjos de cordas eruditos.

Apesar do sucesso estrondoso, Battisti enfrentava críticas "extramusical" das patrulhas ideológicas da época. Num país ainda afetado pela sombra do fascismo, suas letras intimistas sobre o dia-a-dia ou sobre emoções do homem comum foram consideradas alienadas e pequeno-burguesas - em mais um paralelo com o brasileiro Roberto Carlos, que sofreu ataques idênticos no período de repressão militar no país, nas décadas de 1960 e 1970. Em um lance análogo ao que aconteceu com o também brasileiro Wilson Simonal na mesma época, surgiram até boatos de que o italiano teria financiado grupos de direita. Mas, diferentemente de Simonal, que teve sua carreira destruída pela acusação de colaboração com o regime militar, Battisti passou incólume pelo tropel de boatos.

No auge do sucesso, o artista entregou-se com mais dedicação à gravação de seus álbuns, que se tornaram mais e mais ambiciosos e complexos, com letras mais herméticas e arranjos elaborados, incluindo desde instrumentos de sopro até sintetizadores. Em alguns casos, gravava não só voz e guitarra, mas também baixo e bateria. A obsessão musical enclausuraria ainda mais o introvertido artista em seu próprio mundo e o afastaria de vez do público. Em 1976, mesmo ano



em que se casou com Grazia Letizia Veronese, anunciou seu adeus dos palcos após a conclusão de uma turnê.

No começo da década de 1980, a relação entre Battisti e Mogol, que se degradava havia alguns anos, chegou ao fim de forma aparentemente tensa - em entrevista em 1990, o compositor afirmou que fazia anos não ouvia discos do antigo parceiro.

Ao longo dos quase 20 anos em que se manteve afastado das câmeras e dos palcos, o cantor oscilou entre experimentalismos e viagens líricas apontadas como confusas, além de engatar nova parceria, desta vez com o poeta italiano Pasquale Panella, que contribuiu com letras tidas como surreais e sem sentido. Em seu propósito de comunicação com o público por meio de obras gravadas, ocasionalmente fracassou.

Em setembro de 1998, aos 55 anos, Battisti morreu no hospital San Paolo, em Milão, e foi enterrado no cemitério de Molteno, pequena cidade em que passara seus anos de reclusão. Apesar da comoção generalizada por sua morte, o funeral foi reservado a poucos amigos. Entre eles, o ex-parceiro Mogol. Adorado por tantos milhões de italianos, Lucio Battisti se despedia discretamente, do seu jeito.



Rock, rhythm & blues e toques de música erudita marcaram o estilo musical do cantor e compositor. Ao lado, com o parceiro, Mogol, que foi essencial para que Battisti se sentisse confiante para cantar suas próprias canções